

**nova
escola**

PENSADORES NEGROS



bell hooks

**A educação
como prática
da liberdade**

Conheça a vida e a obra de uma das maiores referências do feminismo negro nos EUA

.....
Consciência
Negra
.....
... o ano inteiro ...

O que você vai encontrar neste e-book?

1. Introdução: Pensadores Negros _____ 03
2. Quem foi bell hooks? _____ 04
3. Uma teoria para compreender e modificar a realidade _____ 06
4. Para conhecer melhor: 6 livros de bell hooks _____ 08
5. Um breve dicionário de bell hooks _____ 11

1 Introdução

Ao longo do **Especial Consciência Negra o ano inteiro**, a coleção de e-books **Pensadores Negros** abordará a vida, a obra e as principais contribuições de mulheres e homens negros para o conhecimento. Diversa, mas longe de abarcar a totalidade e a potência do pensamento negro, a lista inclui da educadora e ativista norte-americana bell hooks ao escritor e abolicionista brasileiro Luiz Gama, passando por nomes como Frantz Fanon, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento, Milton Santos, Lima Barreto e Achille Mbembe.

Neste e-book, você conhecerá a autora, professora, teórica feminista, artista e ativista bell hooks.

2 Quem foi bell hooks?

Raio X - bell hooks

Nasceu: Hopkinsville, Kentucky (EUA)

Ocupação: Educadora

Obras fundamentais: *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo* (1981), *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (1989), *Olhares negros: raça e representação* (1992), *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (1994).

Gloria Jean Watkins nasceu em 1952, em Hopkinsville, Kentucky, nos EUA. Sua infância e juventude foram vividas numa época de forte segregação racial país, onde os desafios vividos pela população negra eram inúmeros. Frequentou escolas segregadas durante a infância. Na adolescência, passou para uma escola integrada, mas conviveu com a discriminação presente na instituição, já que era minoria em um ambiente majoritariamente branco.

ASSUMIU O
PSEUDÔNIMO
BELL HOOKS,
EM CAIXA BAIXA
MESMO, PARA
HOMENAGEAR
SUA AVÓ
MATERNA

Irmã caçula de uma família com cinco irmãs e um irmão, a pensadora negra recebeu mudou seu o nome de batismo em função de um movimento pessoal de rememoração e valorização ancestral. Assim, assumiu o pseudônimo bell hooks, em caixa baixa mesmo, para homenagear sua avó materna, Bell Blair Hooks.

“Para hooks, o ato de nomear as coisas é muito importante. Isso é visto em toda sua obra, é um movimento de autodefinição a partir do qual ela dá contornos ao seu pensamento, à sua narrativa e à própria história”, comenta Vinícius da Silva, pesquisador e organizador do curso “Introdução ao pensamento de bell hooks: diálogos e perspectivas”.

bell hooks é formada em literatura inglesa pela Universidade de Stanford. Foi lá, inclusive, onde deu seus primeiros passos nos estudos sobre gênero, feminismo negro, educação, raça e classe. Durante a faculdade, a autora escreveu seu primeiro livro, *Eu não sou uma mulher* (Ain't I a Woman?), publicado em 1981 e traduzido para o português.

Continuou aprofundando suas reflexões sobre essas temáticas no mestrado, na Universidade de Wisconsin e no doutorado, na Universidade da Califórnia. A produção da pensadora ainda cruza temas como arte, história, feminismo, educação e mídia de massas. A autora possui uma obra extensa, com cerca de 30 títulos. De 1989 para 2017, por exemplo, hooks publicou um livro por ano e a primeira versão traduzida chegou ao Brasil em 2013. O livro mais recente publicado por aqui é “Anseios: raça, gênero e políticas culturais”, da Editora Elefante.

Como explica Vinícius da Silva, a pensadora foca em diversos temas para compreender, principalmente, as dinâmicas de poder e dominação da sociedade capitalista contemporânea. Mas vai além. “Ela também esteve engajada em compreender as dinâmicas da

construção social das masculinidades patriarcais, os regimes de representação cultural, os mecanismos de autodefinição de mulheres negras, a importância da pedagogia crítica”, diz.

3 Uma teoria para compreender e modificar a realidade

Vinda de uma família da classe trabalhadora de Hopkinsville, no Kentucky, bell hooks se apropria das suas experiências pessoais e revisita essas memórias para desenvolver seu pensamento e estruturar seus estudos.

Frequentar escolas segregadas fez com que ela refletisse sobre a configuração das salas de aula e sobre uma pedagogia crítica. É na universidade que ela começa a desenvolver suas primeiras críticas, a partir do contato com professores brancos e influenciada pelo pensamento de Paulo Freire. “Daí em diante, hooks estabelece argumentos que questionam o caráter político e emancipador da educação”, comenta Vinícius.

É no livro *Ensinando a transgredir* que ocorre o diálogo entre a intelectual afro-americana e o pensador brasileiro. Hooks considera a educação como prática da liberdade, da qual surge uma

FREQUENTAR
ESCOLAS
SEGREGADAS
FEZ COM QUE
ELA REFLETISSE
SOBRE A
CONFIGURAÇÃO
DAS SALAS
DE AULA E
SOBRE UMA
PEDAGOGIA
CRÍTICA

pedagogia revolucionária que permite a reconstrução da individualidade do sujeito, ou daqueles que estão na sala de aula. “Quando descobri a obra do pensador brasileiro Paulo Freire, meu primeiro contato com a pedagogia crítica, encontrei nele um mentor e um guia, alguém que entendia que o aprendizado poderia ser libertador”, diz a autora no livro.

A vida como caçula de uma família de cinco irmãs e um irmão também influenciou o pensamento de hooks. Nessa configuração familiar, cresceu lidando com os reflexos de ser criada num ambiente patriarcal. Como em toda sua vida, essa experiência é referência para a produção teórica da autora. Ela reforça o que outras pensadoras negras já tem feito, que é orientar o foco para as mulheres negras, refletindo sobre aspectos da sociedade a partir da experiência dessas mulheres.

**SEU OBJETIVO É
SE APROXIMAR
DE UM PÚBLICO
MAIS AMPLO,
DAS PESSOAS
DA SUA
COMUNIDADE**

A escrita de bell hooks já foi alvo de críticas por ser “pouco acadêmica”. Ela não costumava seguir os padrões estabelecidos nos ambientes universitários. Seu objetivo é se aproximar de um público mais amplo, das pessoas da sua comunidade, que não estão acostumadas com os termos técnicos da academia.

“Se a gente parar para observar os pontos técnicos da sua obra, vamos ver que ela tem dois ou três livros sobre o mesmo assunto, escritos de maneira diferente. Um com linguagem mais geral e outro que costuma ser mais teórico. hooks inaugura uma forma de construir conhecimento que não é tão restritiva, como a academia”, comenta o pesquisador Vinícius da Silva.

Outro aspecto trabalhado pela pensadora é a teoria como algo que ultrapassa os limites do que é produzido pela universidade. Em sua obra, desmistifica a teoria como algo distante, e a coloca em um lugar de cura. Para ela, a teoria é um instrumento de compreensão da nossa realidade e que pode ser usada para transformá-la. É no cotidiano das pessoas negras, seja nos Estados Unidos, seja no Brasil, que hooks valida os conhecimentos que tem produzido durante todos esses anos.

4 Para conhecer melhor: 6 livros de bell hooks

A pedido de NOVA ESCOLA, Vinícius da Silva, pesquisador e organizador do curso “Introdução ao pensamento de bell hooks: diálogos e perspectivas” comenta algumas das principais obras da pensadora. Os livros apresentados foram escolhidos utilizando critérios como traduções já disponíveis no Brasil e pelo fato de serem obras centrais para compreender seu pensamento e se aprofundar nas discussões feitas por ela. Veja a seguir:



E eu não sou uma mulher?

Mulheres negras e feminismo

Libanio Bhuvi (trad.), Rosa dos Tempos, 320 págs., R\$ 44,90

O livro lançado em 1981, que cita no título o questionamento da ativista Sojourner Truth a sufragistas brancas nos Estados Unidos em 1851, é uma das obras fundamentais para o pensamento feminista negro norte-americano. Nesta obra, hooks discorre sobre questões que

atravessam a mulheridade negra e a constituição sociopolítica do patriarcado, que hooks chama de “patriarcado imperialista”. Ela desenvolve análises sobre a experiência das mulheres negras escravizadas, racismo, feminismo e a relação das mulheres negras no feminismo. Abordando a noção comum de que o feminismo é um movimento, por natureza, racista, hooks se questiona sobre como alguém pode se dizer feminista sendo racista ou conivente com qualquer sistema de dominação: “escolho apropriar-me do termo ‘feminismo’, para focar no fato de que ser ‘feminista’, em qualquer sentido autêntico do termo, é querer para todas as pessoas (...) a libertação dos papéis sociais, da dominação e da opressão sexistas.” É um livro fundamental para o estudo do pensamento feminista negro.



Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra

Catia Maringolo (trad.), Editora Elefante, 376 págs., R\$ 49,99

Nesta obra de 1989, a autora usa pela primeira vez o pseudônimo “bell hooks”, em homenagem à sua bisavó materna, Bell Blair Hooks, como uma processo de nomeação que busca valorizar, continuamente, a memória de suas ancestrais. Foi seu quarto livro publicado, no qual hooks delinea as suas noções de “autorrecuperação”, “sujeito”, “voz” etc. Aqui hooks faz as primeiras formulações sobre educação, pedagogia revolucionária e libertação feminista.



Olhares negros: raça e representação

Stephanie Borges (trad.), Editora Elefante, 356 págs., R\$ 49,90

É um clássico dos estudos sobre representação, lançado em 1992. Trata-se de uma obra base para os estudos culturais, de mídia, da imagem, da ideologia, do sujeito e do pensamento feminista negro, apenas para citar algumas das áreas sobre as quais hooks exerce notável influência, desde 1981. Costumo elencar *Olhares Negros* como um dos livros mais importantes para se compreender os mecanismos de sujeição e os processos de autodefinição de pessoas negras. hooks se dedica a construir uma consciência do espectador negro, são ensaios direcionados a essas pessoas.



Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade

Marcelo Brandão Cipolla (trad.), WFM Martins Fontes, 288 págs., R\$ 24,95

Um dos livros mais importantes para a pedagogia crítica, no qual hooks desenvolve, a partir do pensamento de Paulo Freire, uma notável crítica ao sistema binário de educação e à educação enquanto um dispositivo de repressão.



A gente é da hora: homens negros e masculinidade (próximo de ser lançado no Brasil)

Após *The Will to Change, We Real Cool* (que está próximo de ganhar uma versão em português) se estabelece como sendo a sua principal obra sobre

masculinidades, mas não menos importante que a anterior. Nesta obra, hooks fundamenta uma sólida crítica sobre a constituição social das masculinidades negras, a partir do que nomeia “patriarcado latifundiário” e tece importantes considerações sobre escolarização, cultura gangsta, violência, políticas sexuais, paternidade/parentagem e amor.



Escrever além da raça: vivendo teoria e prática

(próximo de ser lançado no Brasil)

Writing Beyond Race (que também ganhará uma edição brasileira em breve) é um dos livros onde encontramos a razão pela qual, na obra de hooks, teoria se liga à prática. A diferença é que neste livro há uma formulação mais densa e direcionada a essa questão. Neste livro, hooks se dedica à discussão de diferentes temas importantes quando falamos sobre dominação como: racismo, diversidade, solidariedade, pornografia, comunidade, autodeterminação e práticas do amor. Trata-se de uma das suas últimas publicações, onde encontramos uma observação central: na construção da transformação da sociedade, teoria se liga à prática.

5 Um breve dicionário de bell hooks

Vinícius da Silva também organizou, especialmente para NOVA ESCOLA, um breve dicionário sobre importantes termos e conceitos presentes nas obras da pensadora norte-americana. Conheça alguns deles.

Amor. Nas obras de hooks, encontramos diversos elementos para compreender o papel do amor nas sociedades contemporâneas. Segundo a professora, ele ultrapassa a dimensão do sentimentalismo e atinge um status de ação política, pois amar é estar com os outros e construir comunidades. No que tange a sua dimensão ética, o amor emerge como uma categoria que permite a reintegração dos sujeitos negros, sobretudo. Em sua obra, o amor adquire múltiplas dimensões e constrói o caminho para a transformação social.

Autoatualização. Autoatualizar-se significa ensinar ao aprender e aprender ao ensinar, como sugere Freire. Para hooks, a autoatualização é o que faz com que abandonemos o desejo de dominar e busquemos criar um ambiente educacional realmente emancipador, de modo que “os professores que abraçam o desafio da autoatualização serão mais capazes de criar práticas pedagógicas que envolvam os alunos, proporcionando-lhes maneiras de saber que aumentem sua capacidade de viver profunda e plenamente.”

Comunidades de aprendizado. Em *Ensinando a transgredir*, hooks ressalta que as comunidades de aprendizado têm por objetivo “dar mais ênfase à partilha e à troca de postos de trabalho para criar um ambiente onde a pedagogia engajada possa se sustentar.” Nesse sentido, trata-se de comunidades (espaços criados na coletividade) construídas para a efetivação de uma educação libertadora, para a prática da liberdade.

Sem comunidades de aprendizado, não há emancipação, pois o aprendizado não se relaciona com os espaços formais da educação institucional, mas sim com a formulação da consciência crítica.

Feminismo. Como definido na obra *Teoria Feminista*, o feminismo é um movimento (para todos) que busca erradicar os sistemas de dominação e opressão sexistas. No escopo do pensamento feminista negro estadunidense, o feminismo negro é um projeto de justiça social, cujo objetivo é libertar não somente as mulheres negras, mas toda a sociedade.

Masculinidade. Tendo em vista que o patriarcado é um sistema de dominação, as masculinidades emergem como categorias que mediam as relações sociais, as quais são relações de poder. Para dismantelar a masculinidade patriarcal, hooks sugere a construção de uma masculinidade feminista. De acordo com ela, “os homens precisam do pensamento feminista.”

Patriarcado. Em *The Will to Change*, hooks define o patriarcado como sendo “um sistema sócio-político [de opressão] que insiste que os homens são inerentemente dominadores” e que se articula com as políticas capitalistas e imperialistas da supremacia branca, cujos enquadramentos ideológicos e psíquicos informam e organizam as relações de poder das sociedades capitalistas.

Pedagogia engajada. Partindo do pressuposto de que “a educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender”, a pedagogia engajada busca ensinar de uma forma que respeite e proteja a integridade dos sujeitos educacionais. Nesse sentido, o pensamento de Freire foi fundamental para as formulações de hooks, de modo que ela encontra em sua obra os instrumentos necessários para a construção de uma pedagogia engajada que valorize, sobretudo, o bem-estar das pessoas; nesse sentido, a pedagogia engajada se distancia das pedagogias crítica ou feminista convencional, pois a pedagogia engajada, ao dar ênfase ao bem-estar, promove um compromisso dos educadores com a autoatualização, esta tão fundamental no processo de aprendizagem.



nova

escola

Reportagem

DANIEL SANTOS

Colaboração

VINÍCIUS DA SILVA

Edição

MIGUEL MARTINS

Revisão

ALI ONAISSI

Ilustração

YARA SANTOS

Diagramação

CARONTE DESIGN